

Abuso e resiliência

Pierre Tap

(Aprendizagem & Desenvolvimento, Instituto Piaget
Lisboa, 2009, Vol. X, nº 41-42, pp. 25-41)

Resumo

O abuso e a resiliência estão ligados, por definição. Uma pessoa é resiliente ao ponto de ter experimentado uma situação de alto risco e ter sido intencionalmente abusada por outra pessoa, grupo ou instituição.

Neste texto, são analisados os supostos efeitos de *situações extremas* em que o sujeito foi ou é confrontado com a morte. Os vários tipos de abuso (em particular o abuso psicológico associado à perversão narcisista) e as várias *estratégias dos sobreviventes abusados* em situações críticas ou transitórias são então discutidos. Utilizando metáforas emprestadas da física, são apresentadas as características psicológicas da resiliência (aguentar-se, saltar para trás, ser capaz de flexibilidade adaptativa, etc.) e as suas ligações com a capacidade de lidar, fixação, riscos e protecção interna e externa.

Utilizando o exemplo de Wolin e do modelo de 7 resiliências de Wolin, são apresentadas as dimensões essenciais deste processo. Finalmente, o autor mostra os limites do conceito de resiliência, que é demasiado intrapessoal, e a necessidade de ter em consideração os processos de identificação, a natureza das relações e as situações vividas e, finalmente, a importância de não subestimar os traços do trauma e a sua possível emergência, em termos de actuação ou de repetição.

Palavras-chave: abuso, resiliência, perversão narcisista, transição, *resiliência do ego*, riscos, protecções, coping.

Abuso e resiliência

Pierre Tap¹

O *abuso* em todas as suas formas não é novo, mas os esforços para o detectar e reduzir estão constantemente a trazê-lo para a linha da frente dos meios de comunicação e dos tribunais. O abuso abrange todas as formas de maus-tratos infantis resultantes de uma acção humana intencional e repreensível no ambiente imediato que pode ser evitada. O abuso inclui violência física (agressão e agressão), abuso sexual (violação, molestamento, exploração vídeo, pornografia, prostituição), crueldade psicológica (humilhação, ameaças, isolamento) e negligência grosseira (falta de cuidado). Estes abusos dizem frequentemente respeito a crianças, idosos e deficientes, mas podem também afectar qualquer pessoa que viva num casal, família ou instituição.

Todos estes abusos têm geralmente consequências graves para o desenvolvimento físico, mental e social da pessoa. Mas a investigação sobre *resiliência* mostra que algumas pessoas parecem ser menos vulneráveis a abusos do que outras.

A noção de *resiliência* tornou-se agora muito na moda, tanto em França como em Portugal. É ainda mais importante questioná-lo em relação às realidades que se supõe que explique. Dizer que uma pessoa é 'resiliente' ou que você mesmo é resiliente, sem especificar o que esta palavra pode significar e sem fazer perguntas sobre como esta dimensão pessoal pode ser medida e analisada na prática, é, em última análise, assumir a existência de um dom, uma força mais ou menos mágica, inata, que impediria a pessoa de sofrer os problemas e o sofrimento que os outros suportam na mesma situação.

Passemos, então, ao significado geralmente dado ao termo "resiliência". Dizer que uma criança, por exemplo, é resiliente implica em primeiro lugar a sua capacidade de resistir a "abusos" de pessoas ou circunstâncias.

Resiliência: sobreviver a uma situação extrema.

De facto, considerar que uma criança é resiliente implica, antes de mais nada, que *tenha experimentado uma situação extrema, um acontecimento com elevado risco de disfunção, um "abuso" causador de elevado stress e com efeitos geralmente perturbadores.*

¹ Professor emérito na Universidade de Toulouse - Le - Mirail. Director de investigação em psicologia no Instituto Piaget.

Por conseguinte, é importante, desde o início, especificar o que se entende por uma *situação extrema*. Bruno Bettelheim, um psicanalista americano, foi responsável por uma das primeiras análises dos efeitos psicológicos de uma situação extrema. Em 1943, publicou um artigo intitulado *Individual e Comportamento de Massa em Situações Extremas*, que começa com a seguinte informação: "O autor passou aproximadamente um ano, entre 1938-1939, nos dois maiores campos de concentração alemães para prisioneiros políticos, Dachau e Buchenwald". Este artigo foi mais tarde incluído no seu livro *Survivendo e outros ensaios* (1ª edição, 1952), traduzido para francês em 1979 sob o título "*Sobrevivendo*". A paz que reina numa sociedade totalitária é comprada ao preço da morte da alma". Segundo Bettelheim, "Encontramo-nos numa situação extrema quando somos subitamente catapultados para um conjunto de condições de vida onde os nossos velhos valores e mecanismos de sobrevivência já não funcionam e alguns deles põem mesmo em perigo a própria vida que deveriam proteger" (*op. cit.*, 24). Em termos psicossociais, a situação extrema não é apenas definida como 'externa', o sujeito está fundamentalmente envolvido. "O súbito e simultâneo colapso de todas as (nossas) defesas contra a ansiedade de morte precipita-nos no que eu chamei, por falta de um termo melhor, uma situação extrema" (*ibidem*). O resiliente seria, portanto, aquele que sobreviveu à situação extrema. De acordo com Bettelheim, a *sobrevivência* implica dois tempos distintos, mas muito associados:

- o *trauma original* associado a um regime extremo de terrorismo e que na altura provoca a degradação da personalidade, a destruição da vida social anterior por privação de apoio;
- os *efeitos subsequentes*, em termos de *vulnerabilidade*, sobre toda a vida da pessoa.

Mas como viver com uma *difficuldade existencial que não tem solução*? Como pode a integração (interior, psíquica) ser mantida face aos efeitos da antiga desintegração? Bettelheim cita um leitor que lhe escreveu: "Muitas vezes na minha vida senti que há *problemas que não podem ser resolvidos, mas com os quais se deve viver*" (*op. cit.*, 41). O sobrevivente pergunta "porque fui poupado", "porque fui poupado". É difícil falar das próprias capacidades ou características ... então? sorte? mas a culpa instala-se (se sobrevivi é porque tomei o lugar de outra pessoa que morreu no meu lugar). Por exemplo, no filme do campo de concentração de Benigni *Life is Beautiful*, o pai consegue esconder o seu filho (que sobrevive), antes de ser ele próprio eliminado. O filho poderá mais tarde reviver com dificuldade o sacrifício do pai. Em qualquer caso, o sobrevivente permanece consciente de que o trauma danificou a sua própria integração psíquica e que as suas defesas habituais não lhe proporcionaram protecção adequada.

O sobrevivente pode então reagir de três maneiras:

1. Deixar que a experiência o destrua. A *síndrome do campo de concentração instala-se*, com base no sentimento de incapacidade de se reconstituir, na culpa e no sentimento de injustiça percebida: "Sofri tanto, e ainda por cima tenho de me justificar, para ser responsável!

2. Negando quaisquer consequências duradouras. A pessoa não nega o facto histórico vivido, mas nega, reprime ou reprime tudo o que possa estar ligado aos efeitos actuais; recusa a ideia de uma necessária reestruturação pessoal ou de uma inevitável reestruturação relacional, axiológica ou cultural. Este processo pode ser consciente (negação), preconsciente (negação, repressão) ou inconsciente (repressão);

3. lutar para permanecer consciente e tentar lidar com as dimensões mais terríveis para ele, e ser capaz de se reintegrar (reconstituir-se).

No seu excelente livro intitulado *A Primavera Invisível* (1994) Fisher aborda a questão das situações extremas vividas colectivamente (guerras, catástrofes naturais, genocídio, etc.) mas inclui situações vividas individualmente (doenças, SIDA, acidentes, perda de um ente querido, etc.) em que a pessoa é confrontada com a morte, a dos outros (já produzida ou temida) ou a sua própria, percebida como possível, provável ou inevitável.

Nestes tempos de angústia, o significado e o objectivo da vida é forçado à consciência dos envolvidos. É como se só nos preocupássemos com o propósito da vida e o significado da nossa identidade quando estamos desorientados, numa situação insuportável. Como aponta Bettelheim (1979), esta busca permitir-nos-ia compreender o verdadeiro significado da nossa provação, ou incidentalmente da dos outros, porque "a pior das provações é suavizada assim que se acredita que o estado de angústia é reversível e que certamente terá um fim" (*op.cit.* 15). Se a vida perde todo o sentido, a pessoa sente que o suicídio é uma solução fatal. Mas a tentação de cometer suicídio está na maioria das vezes associada a um grito desesperado de ajuda, de obter uma resposta dos outros para recuperar o sentido da própria vida, que é o único antídoto para o suicídio se estiver ligado ao amor e à ajuda dos outros (mesmo que a pessoa fuja e rejeite essa ajuda).

Resiliência e sobrevivência

Precisamos, portanto, de tomar a definição provisória de resiliência acima proposta e acrescentá-la. Declarar que uma criança é resiliente implica certamente que experimentou uma situação ou evento com elevado risco de disfunção, um "abuso" causador de elevado stress e efeitos perturbadores (uma definição restritiva ou extensa de abuso e da natureza altamente stressante da situação ou evento);

Mas esta criança só é, por definição, resiliente se tiver sido capaz de ultrapassar esta situação, de viver este acontecimento sem grandes efeitos perturbadores no seu desenvolvimento psicológico e social; daí a questão da definição de desenvolvimento psicológico normal, comportamento normal. Podemos efectivamente considerar que, ao longo da sua vida, a pessoa é confrontada com múltiplos problemas, deve gerir ou superar múltiplos conflitos. Estes conflitos facilitam mesmo a sua dinâmica subjectiva (sendo um sujeito que não é subjugado ou alienado) e a sua capacidade pessoal de fazer escolhas, de se orientar através de projectos, de dar sentido às suas próprias dificuldades. Não devemos esquecer, evidentemente, que esta pessoa vive e progride em contextos sociais que incluem os seus sistemas de regras (instituições) e propagam sistemas harmonizados ou opostos de valores (culturas). Por outras palavras, as estruturas sociais trazem consigo significados que encontram a sua legitimidade nas obras culturais, sistemas de crenças e explicações do mundo e da vida, que a pessoa irá apropriar-se, transformar ou rejeitar. Do mesmo modo, as mudanças sociais influenciam necessariamente as mudanças pessoais. É importante analisar estas ligações dinâmicas (Esparbès-Pistre e Tap, 2001). O constante confronto de sujeitos e instituições provoca, entre o primeiro e o segundo, uma verdadeira "*interstrução*" (Baubion-Broye, Malrieu e Tap, 1987). Não existem apenas interacções ou transacções, mas também uma estruturação ou desestruturação recíproca.

A descrição e análise do lado subjectivo deste processo permite uma melhor compreensão da evolução conflituosa e das estratégias da pessoa através de quatro fases, cuja duração pode variar muito (de alguns dias a vários anos) e que são susceptíveis de se repetirem:

- a fase de *ancoragem plural e de retenção sociocultural*: o sujeito constrói representações, valores e modos de conduta, numa complexa interacção de relações interpessoais (dual e plural) e relações sociais (proximal ou distal), através de condicionamento, imitação, identificação e internalização atributiva;

- *Desengajamento conflituoso*: o sujeito experimenta conflitos, é objecto de desequilíbrios, está numa posição de desengajamento, desenraizamento e crise. Os comportamentos habituais que se tornaram impróprios devem dar lugar a outros que permitam ultrapassar a crise. De facto, o sujeito confrontado com uma situação totalmente nova, em crise, em conflito ou em ruptura, terá de abandonar as suas estratégias habituais. O seu *estilo* (conformidade pessoal, quadro pessoal de referência) é *posto em causa*. Já não é suficiente para assegurar a adaptação. Incapaz

de utilizar os regulamentos habituais, terá de assumir riscos, procurar novas soluções, adoptar ou inventar estratégias mais adaptadas.

- a *recuperação mobilizadora* é precisamente a fase em que o sujeito, numa situação de crise, tenta enfrentar, lidar ou resolver os seus próprios conflitos, estabelecendo novos laços sociais, novas redes de ajuda recíproca;

- a última fase *do empreendimento criativo* só pode ter lugar se a mobilização tiver conduzido a momentos de realização e invenção individual ou colectiva. Durante esta fase de *implementação*, são criadas novas âncoras através do reequilíbrio, facilitando a emergência de um novo instituto. (Baubion, Malrieu e Tap, *op.cit.*).

Da situação extrema ao abuso

As observações iniciais relativas à própria definição de resiliência levaram-nos a ligá-la a situações extremas e a *abusos*. Esta última é por vezes definida de forma muito restritiva como violência física (doméstica ou institucional), em particular abuso sexual. Outros autores propõem definições mais amplas. Por exemplo, dois psiquiatras suíços, Maurice Hurni e Giovanna Stoll, publicaram dois trabalhos reveladores sobre o que se pode chamar "violência psicológica". Ambos os livros tratam da questão da *perversão narcisista*: "*La haine de l'amour*". *La perversion du lien*" (1996) e "*Saccages psychiques au quotidien*". *Perversão narcisista nas famílias*" (2002). A noção de perversão narcísica foi amplamente desenvolvida a partir do trabalho de Stoller (1975), Racamier (1987, 1992, cf. Bayle, 1997), Eiguer (1989, 1991, 1995, 1997, 1999, 2001) e Hirigoyen (1998, 2001). Claro que, como Eiguer correctamente nos lembra em *Sobre o Uso Correcto do Narcisismo*, todos sabemos, intuitivamente, que precisamos de nos amar um pouco e confiar em nós próprios para sermos bem sucedidos na vida. Contudo, acrescenta: "duas tendências colidem. A primeira compreende o narcisismo numa perspectiva essencialmente disfuncional, levando a comportamentos deletérios, egocêntricos e odiosos... A segunda é sensível às deficiências narcisistas que merecem tratamento prioritário para apoio e conforto. Os seus defensores ... apontam para o efeito de traumas e abusos, cujas consequências não podem ser reduzidas apenas à fantasia inconsciente" (1999, 23-24).

O que é comum, poder-se-ia dizer, ao "abusador" e à sua vítima é o narcisismo, perverso e desviante no primeiro, seriamente abusado no segundo. Neste contexto, Eiguer discute

perversões sexuais (2001), Racamier centra-se na questão do *incesto* (1991, 1992, 1995) e Hirigoyen analisa as causas e efeitos do *assédio moral*, na vida quotidiana (1998) e na vida profissional (2001).

A *violência psicológica* é portanto o trabalho de *perversidos narcisistas manipuladores*. Esta violência é muito menos visível; o perversido manipulador usa a sedução, a humilhação e a chantagem para alcançar os seus fins. Este terrorismo disfarçado vem de uma pessoa que é surda ao sofrimento dos outros e que não conhece nem vergonha nem remorso. Diz-se que é guiado por um ódio de ternura "e de tudo o que derrete o coração". A criança de pais manipuladores e perversos raramente se queixa de abusos porque interiorizou a imagem negativa de si própria que os seus pais projectam. Os pais podem não os ter querido. Hurni e Stoll citam esta terrível frase dirigida por uma mãe à sua filha, diante de testemunhas: "Admiro-te, minha querida, por aguentares tão bem enquanto eu fazia tudo para te abortar". Há palavras que matam o desejo de existir, de desejar, de ser eu próprio. Esta perversidade não se limita à família e raramente é punida. Baseia-se num *sentimento de onipotência*, fora das leis que os perversidos gostam de transgredir (sem serem apanhados). O que surpreende os autores citados é que os manipuladores perversidos não só são insensíveis aos sentimentos dos outros, como também dão a impressão de não sofrer, e até mesmo de desfrutar dele.

É de notar que os exemplos dados de resiliência raramente mencionam este tipo de abuso. Na maioria das vezes, referem-se à guerra, sobrevivência em campos de concentração, as consequências do álcool ou das drogas, espancamentos, violações e incesto, etc. É por isso apropriado analisar a resiliência neste contexto original. É portanto apropriado analisar a resiliência neste contexto original. Mas a noção de *abuso* e *resiliência* deve ser ampliada em conjunto.

Transição e resiliência

O termo *transição* é frequentemente utilizado como um simples sinónimo de *mudança*. Mas implica um certo tipo de mudança, na continuidade de uma viagem. Derivada do latim *transire* (morrer), a transição foi primeiramente associada à agonia, a passagem da vida para a morte. Hoje, facilitar a transição significa, felizmente de uma forma mais geral, evitar uma ruptura, gerir a crise de uma forma mais contínua e flexível, manter a ligação, ao mesmo tempo que transforma a relação, dando-lhe outro significado. Não será esta a forma de compreender a relação de co-participação? "Em que medida devem os ex-cônjuges que têm filhos em comum

cooperar após a sua separação? (Cloutier, 2001). Este é o paradoxo: a separação põe fim à relação conjugal, mas não elimina o papel de pai: somos pai ou mãe para toda a vida, "a criança não se separa". Devemos portanto *continuar, mas mudar o tipo de relação*, manter um vínculo, mas que já não se baseie no amor do ex-cônjuge ou na sexualidade. *"O desafio da co-participação é desenvolver uma relação de apoio funcional entre os ex-cônjuges sobre bases diferentes da relação de casal, minimizando as manifestações de hostilidade e preocupação porque são prejudiciais à adaptação"* (Cloutier, op. cit., 86).

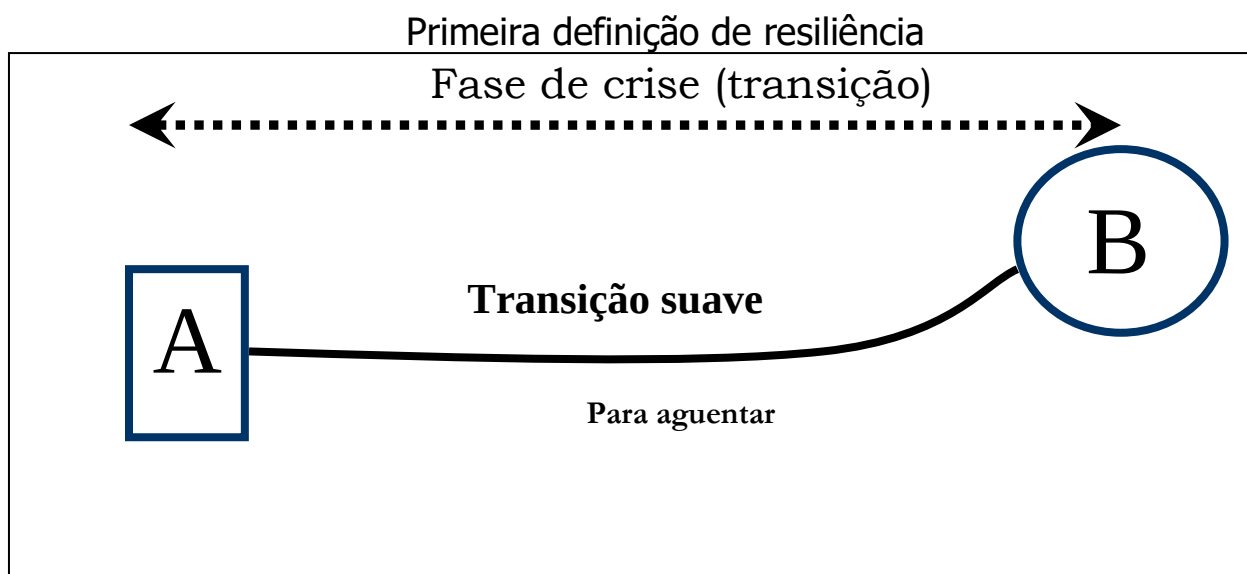
A co-participação pode portanto facilitar a *transição*, se for entendida como um *movimento e passagem (processo) do estado A (passado ao divórcio) para o estado B (monoparentalidade ou recomposição ou solidão)*. Em qualquer caso, a transição só é possível se as transacções forem realizadas para melhorar a comunicação e a eficiência organizacional: *qualquer transacção requer compromissos aceitáveis para todos.* ²

Mas como explicar as grandes diferenças na adaptação dos ex-cônjuges e dos seus filhos na forma como gerem a mudança e facilitam a transição? Vimos que um número significativo de crianças de famílias monoparentais não parecia sofrer muito com o novo ambiente de vida ou com as suas novas condições de vida.

Resiliência, resistência, estilos e estratégias

A noção de *resiliência* tem um duplo significado: o primeiro indica *a capacidade de um corpo resistir a um choque* (do latim *resilientia*) que Bettelheim associa à capacidade de sofrer o trauma original sem grandes dificuldades. Em termos psicológicos, este primeiro significado pode ser concretizado pela expressão "aguentar" (*aguentar* em português).

² Em termos de Habermas (1987), a co-participação é um exercício difícil, pois consiste em articular razão instrumental e intencional (eficiência, racionalidade, etc.) com razão comunicativa (boa amizade, falar uns com os outros, baixa hostilidade, etc.). Este esforço de articulação é feito por apenas um dos pais em cada quatro.



Outro significado introduz a ideia de que o efeito negativo do trauma é *terminado, cancelado* (do latim *resilire*, por exemplo, para *terminar um contrato*); haveria um regresso ao estado anterior. Este segundo significado é também utilizado pelos físicos quando se referem à *flexibilidade* de um objecto que regressa à sua forma anterior após pressão, por exemplo a mola (mola).

Ser resiliente é, portanto, antes de mais, *poder cancelar os efeitos do choque* (cf. *resilientia* = resiliência, cancelamento). Por vezes, a negação (da realidade dos factos ou da situação) pode ser útil. Podemos dizer que "segurar-se" pela negação ou pelo distanciamento é uma *transição fluida*: a ruptura não é experimentada como tal; o conflito não é percebido, ou, se o for, não desestabiliza a pessoa. Mas isto pode ser apenas uma aparência: a retenção envolvida na "manutenção" pode causar dificuldades internas, ou estas dificuldades podem ser adiadas ao longo do tempo, gradualmente, através do desgaste.

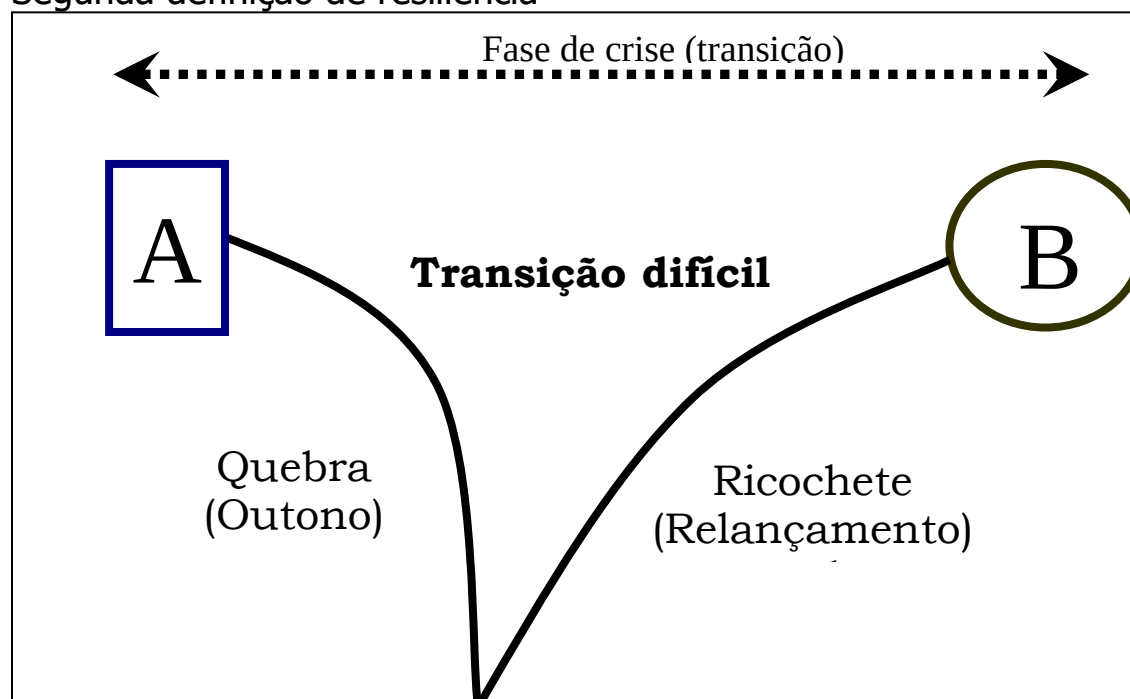
Mas é utilizada uma segunda definição de resiliência (ligada ao verbo *resilire*), mais optimista? mais realista? Poderíamos falar aqui de uma *transição difícil*: a ruptura e os seus efeitos não são negados, mas a pessoa 'voltará a subir a encosta', lutará contra a depressão ou hostilidade, voltará ao bom caminho, 'recomeçará com o pé direito', etc.

Como assinala Vanistendael (1998), a resiliência está de qualquer modo associada à "capacidade de sucesso, de viver e desenvolver-se positivamente, de uma forma socialmente aceitável, apesar do stress ou adversidade que normalmente comporta o sério risco de um resultado negativo". Mas de onde vem esta capacidade resiliente, ou, pelo contrário, vulnerabilidade a situações difíceis?

Será que esta *chave para se tornar resistente* se encontra no passado, nos genes ou no temperamento, ou na capacidade de aprender a "viver com os golpes do destino com uma alma igual?

Quando Fisher intitula o seu livro *A Primavera Invisível* (1994), introduz esta imagem de uma capacidade de *ressaltar* de uma fase de pressão - repressão - depressão, de *ressaltar* (resaltar), mas depois de ser capaz de *restaurar o equilíbrio*, de voltar à calma. Este processo é obviamente aplicável a muitas situações, mesmo que não sejam objectivamente 'extremas'. Mas o que é importante é como o sujeito experimenta a situação; pode ser dramático para ele ou ela, mesmo que outros minimizem a sua importância. A *resiliência* é amplamente utilizada no Canadá como sinónimo de resiliência. Por exemplo, o Department of Supply and Services Canada (e em particular o seu *Office of Alcohol, Drugs and Dependency Issues*) tem vindo a publicar material sobre *resiliência* na Internet desde 1995. *Relevância no contexto da promoção da saúde.* A resiliência é definida da seguinte forma: "A *resiliência* é a capacidade dos indivíduos e sistemas (famílias, grupos e comunidades) para enfrentar com sucesso uma situação de alto risco ou muito adversa. Esta capacidade desenvolve-se e muda com o tempo. É reforçada por factores de protecção no indivíduo ou no sistema e no ambiente, e contribui para a manutenção ou melhoria da boa saúde. (Mangham, C., McGrath, P., Reid, G. & Stewart, M., 1995)

Segunda definição de resiliência



A *flexibilidade* desta forma facilita geralmente uma certa *resistência*. A flexibilidade e resistência são frequentemente consideradas como características de personalidade incluídas num *estilo de vida*. Analisemos, portanto, a noção de estilo de vida em relação à identidade da pessoa. Por exemplo, Erikson (1950, 1968) propõe distinguir a *identidade pessoal* e a *identidade do ego*. A primeira seria limitada a duas características: a percepção de *auto-amizade*, de continuidade existencial, e a percepção de que outros reconhecem esta semelhança e continuidade. Por outro lado, a identidade do ego estaria ligada à *qualidade do ego desta existência*. A articulação entre estas duas identidades constituiria o *estilo de individualidade da pessoa* que, através das suas próprias características, viria a estabelecer relações *autênticas* e *significativas* com outras pessoas.

O *estilo* baseia-se, portanto, nas *características próprias do sujeito*. Implica uma certa estabilidade e conformidade pessoal, uma certeza sobre a existência e o valor do eu, o facto de se perceber a si próprio como o mesmo. As *estratégias*, por outro lado, articulam-se na relação que o sujeito estabelece entre a sua tensão de realização e a situação que dificulta ou impede o seu progresso (exigências situacionais, incertezas, coisas novas percebidas como perigosas). Esta articulação adquire significado para ele, positiva ou negativamente, em termos de objectivos a procurar, meios a encontrar, auto-estima a reavivar, controlo a restabelecer. É esta articulação que pode ser mais ou menos flexível e flexível, ou rígida, ou inexistente. Quando Bettelheim evoca a importância da integração (interna) face à situação externa, é de facto esta articulação que está em jogo; mas ele mostra a importância da solidez das referências internas (valores, crenças) ou a sua *restauração* quando a integração psíquica tiver sido danificada. Por conseguinte, coloca mais ênfase no estilo, sem no entanto minimizar a importância da adaptação à situação e as estratégias ou tácticas que a facilitam.

A *flexibilidade* pode ser definida como a capacidade do indivíduo para desenvolver novas *estratégias*, para abandonar aquelas que se tornaram ineficazes ou irrelevantes (Rowland, 1989, Mages e Mendelsohn, 1979), o que promoverá uma boa adaptação. Esta flexibilidade adaptativa implica a capacidade de fazer concessões, de gerir exigências contraditórias da melhor forma possível. (Esparbès-Pistre e Tap, 2001; Vinay, Esparbès-Pistre e Tap, 2000)

"Qualquer *estratégia* é caracterizada pela articulação, num actor individual ou colectivo, de uma lógica interna finalizada e de comportamentos realizadores. Implica a implementação de uma energia de investimento e de uma dinâmica de decisão, na definição de objectivos (intermédios ou finais), na escolha de meios (materiais ou simbólicos) e no acompanhamento

de itinerários que facilitem a elaboração ou a execução de um projecto" (Tap, Esparbès, Sordes-Ader, 1995).

A activação do processo estratégico implica a articulação dinâmica de três elementos indispensáveis e inseparáveis: os *actores* (individuais ou colectivos) com os seus recursos, as suas limitações e o seu potencial, a *situação* com a sua natureza, as suas limitações e as suas apostas, e os *objectivos* prosseguidos pelos actores (Camilleri et al., 1990).

As estratégias fazem parte de um processo mais amplo, o processo de *personalização*, que inclui a gestão da situação presente (*estratégias de sobrevivência, adaptação*), a afirmação ou defesa da identidade, presente e passado (*estratégias de identidade, ancoragem, apego, afirmação do Ego ou Nós*), a procura do reconhecimento de uma posição social (*estratégias de posicionamento e compromissos sociais, socialização, legitimação, reconhecimento*) e a orientação para um futuro, envolvendo *estratégias de projecto* (antecipação, abertura, procura de rotas).

Resiliência, flexibilidade adaptativa, stress e transições: metáforas da física

As noções de resiliência, stress, flexibilidade e transição são constantemente utilizadas pelos físicos. O *stress* refere-se à capacidade do metal de resistir à *torção*, a *resistência* à sua *capacidade de resistir ao choque*. A noção de transição é utilizada tanto na física como na química para significar mudanças de estado. O exemplo mais conhecido é o das *transições associadas às mudanças entre os três estados da matéria*: sólido, líquido e gás. A *sublimação* é a transição (em ambos os sentidos) entre o estado gasoso e o sólido. *Derretimento* é o termo associado à transição entre os estados sólido e líquido. Finalmente, a *vaporização* diz respeito à transição entre o estado líquido e o estado gasoso. Henri Atlan já utilizou a metáfora dos estados da matéria nas suas teorias da complexidade no seu livro *Between Crystal and Smoke* (1979). A sua proposta pode ser alargada e tornada mais complexa em psicologia. A pressão pode simbolizar a *morfogénese* (estruturação das formas), a temperatura representaria *mecanismos energéticos* (cf. Piaget sobre a relação entre o formal - cognitivo e o energético - afectivo, etc.).

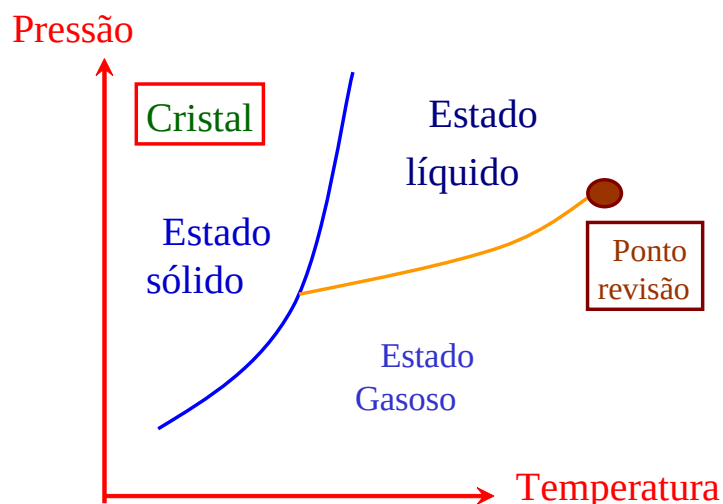


Diagrama de fase de um corpo puro
(de Encyclopaedia Universalis, 1994)

A partir deste primeiro diagrama e da análise de teorias psicológicas (antigas ou recentes) podemos tomar as noções físicas num sentido "figurativo" e evocar as seguintes analogias:

1. A noção de *solidez* refere-se à estrutura do sistema e à diversidade das suas formas. Está associado à *coerência* (Antonovsky, 1990) ou *congruência* (Rogers, 1951), bem como ao *controlo* (Bandura, 2003) e ao *equilíbrio* do sistema (Piaget, 1975). Ao nível das crenças, podemos falar de *coerência normativa*, ou seja, de uma hierarquia coerente de valores e normas a partir da qual a pessoa determina e legitima as suas acções. Pelo contrário, o *dogmatismo* é uma das características negativas dos sistemas de crenças, tal como a *rigidez* caracteriza qualquer sistema que recuse as mudanças necessárias à adaptação (cf. rigidez mental e motora, etc.)



2. A transição de *sólido* para *líquido* (e vice-versa) é chamada de *fusão-solidificação* pelos físicos (um processo que inclui a transição "vítrea", o planalto "emborrachado" e o fluxo líquido). No entanto, o termo *fusão* é frequentemente utilizado em psicologia e psicanálise. Por exemplo, Anzieu (1975) evoca "*a ilusão de grupo, ou tendência para um estado de fusão colectiva estimulante*" que recorda a noção de *efervescência colectiva* proposta por Durkheim (1912) e que implica experiência sensorial, imagens e sentimentos colectivos. Podemos também mencionar aqui as noções de *flexibilidade*, *fluidez*, *flexibilidade*, *elasticidade* ou *plasticidade* que são frequentemente utilizadas para descrever processos psicológicos muito diversos. Por exemplo, a fluidez verbal está associada à criatividade (Torrance, 1962). Csikszentmihalyi (1990, 2004) propôs a teoria do *fluxo* (fluxo = energia psíquica) mostrando que as pessoas vivem felizmente uma *experiência óptima* durante a qual as coisas *fluem* por si próprias. Estas pessoas experimentam estas situações de forma agradável e sem esforço aparente. Bouffard, tradutor do autor anterior (2004), refere-se à obra de Brandstadter e Renner (1990) que se propõem diferenciar entre a *tenacidade* graças à qual o sujeito pode alterar as condições externas, e a *flexibilidade* que lhe permite adaptar-se a estas condições sem se colocar numa posição de insegurança. No que diz respeito à *elasticidade*, Paul Claudel escreveu em *L'élasticité américaine* 'Há uma qualidade no temperamento americano que se traduz aí pela palavra *resiliência*, para a qual não encontro um equivalente exacto em francês, porque une as ideias de elasticidade, resiliência, engenhosidade e bom humor' (1965, citado por Tisseron, 2003). É de notar que o uso do termo resiliência em psicologia só entrou em uso no final dos anos 60 (Fritz Redl, 1969, "resiliência do ego") e estava, portanto, amplamente presente no discurso popular americano.

A noção de *resiliência* implica de facto uma dupla referência à *robustez* (controlo; protecção; capacidade de resistência) e *flexibilidade* (Tap e Vinay, 2000). Esta flexibilidade é adaptativa

no sentido em que evita rupturas e favorece transacções bem sucedidas com o ambiente ou com os que nos rodeiam.

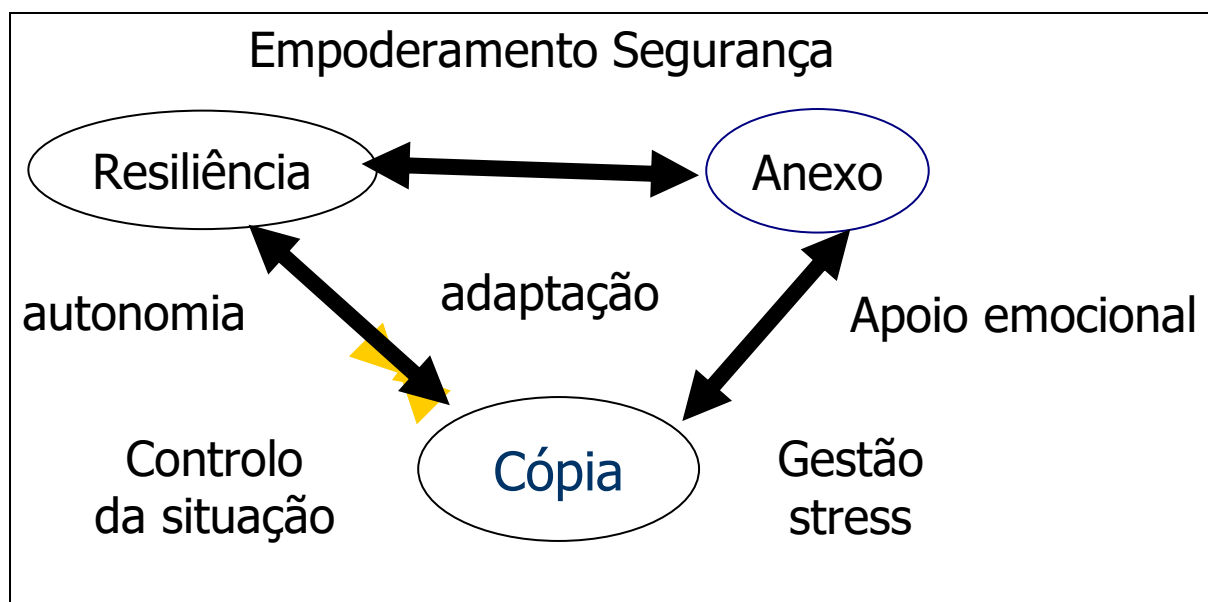
3. A noção de *volatilidade gasosa* pode ser negativamente associada à auto-dispersão, ao deixar-se ir, mas também pode ser ligada a concepções orientais que enfatizam o processo experiencial (o caminho) em vez das estruturas ou dos resultados (o objectivo). Mas é em torno da noção do *sopro vital (atman)* caro às doutrinas Brahmânicas, indianas, que melhor vemos a volatilidade ser evocada. A noção de atman é frequentemente equiparada ao *self*, mas tem um significado tanto pessoal como transpessoal ou cósmico, como se a alma individual pudesse fundir-se ao mesmo tempo na alma do mundo.

Os termos positivos de solidez, coerência, flexibilidade, fluidez, ou os termos mais negativos de rigidez, instabilidade, inconsistência, desleixo, etc. são constantemente utilizados na investigação ou no discurso sobre resiliência, sobre o funcionamento óptimo da personalidade. Resta esclarecer o que estas metáforas físicas escondem e como podem ser usadas positivamente para compreender os processos associados com a noção de resiliência.

Uma discussão sobre a natureza e as origens da resiliência

Mesmo que alguns autores mencionem o facto de a aptidão resiliente não ser um "dado" básico (hereditário, temperamental), que se desenvolve e muda ao longo da vida (Mangham et al. 1995), a tentação é forte de considerar a resiliência como uma força biológica inscrita na estrutura do corpo. Partimos aqui da hipótese de que o indivíduo resiliente é aquele que beneficiou durante a primeira infância de boas condições emocionais e relacionais, de uma *ligação positiva e de laços de ancoragem*. (Vinay, Esparbès-Pistre & Tap, 2000)³. Estes laços positivos podem ter facilitado a *segurança emocional* necessária, a aprendizagem da *capacidade primária para gerir o stress* e, de um modo mais geral, as múltiplas emoções, frustrações e proibições com as quais as crianças pequenas são rapidamente confrontadas

³ Mas este feito não é definitivo. Pode variar de acordo com os acontecimentos e períodos da vida.



. Esta capacidade permitir-lhe-á mostrar que é 'grande' e que sabe *controlar a situação*, *bem como os seus impulsos*. Compreender o comportamento resiliente significa compreender a forma como o sujeito lida com situações difíceis, extremas e arriscadas e os recursos que mobiliza para se adaptar a elas e passar por elas. Mas a resiliência não pode ser reduzida à gestão do stress. Implica a capacidade de dar sentido à situação, de exercer poder sobre a situação, mas também sobre si próprio e sobre os outros. *O empoderamento* pode assim ser descrito como o processo pelo qual uma pessoa que se encontra em condições de vida mais ou menos incapacitantes desenvolve, através de acções concretas, a sensação de que é possível exercer um maior controlo sobre aspectos da sua realidade psicológica e social. Este sentimento tenderia a acentuar a emergência de outros sentimentos como sentimentos de *autonomia*, *significado*, *auto-eficácia* e *auto-determinação*, mas também de *auto-confiança* (auto-avaliação positiva).

O termo *empowerment* tem sido traduzido de várias maneiras. Em francês, são-lhe associados nada menos que cinco conceitos, que podem ser classificados de acordo com a natureza dos processos evocados:

A mudança no poder: *delegação, transmissão, redistribuição* ;

Os processos psicológicos em acção no acesso ao poder: *empoderamento, apropriação*. Poderíamos acrescentar aqui a da *potenciação*, próxima da noção de *latência* na teoria do poder proposta por Parsons (1966, 1971), a do *potencial* evocado por Rogers em relação ao *poder pessoal* (1977, 1979) ou a da *restauração-integração (interna)* que tirámos de Bettelheim (1979).

Mas a própria análise do empoderamento leva ao seu oposto: a alienação causando sentimentos de impotência e humilhação, a repressão do ser e do agir, a limitação de si próprio pela privação (da liberdade em particular), pela perda de valores e incapacidade (física ou psicológica). É de notar aqui que o abuso é um *abuso de poder* (por parte do agressor) bem como um *acesso impossível ao poder* (para a vítima de abuso).

Os advogados referem-se à noção de *incapacidade legal*, da qual podem ser especificados três níveis, facilitando gradualmente o acesso ao poder (*empowerment*):

1. A *representação/tutela* é utilizada em relação a pessoas incapacitadas, privadas do exercício dos seus direitos e incapazes de os gerir elas próprias. Uma terceira pessoa age no seu lugar de guardião, esta pessoa "substituta" gere a sua situação. 2. A *assistência/acompanhamento* é um processo mais flexível que permite à pessoa agir por si própria desde que uma pessoa "capaz" esteja presente no momento do acto para a ajudar; 3. A *autorização* difere da assistência; é o último nível de incapacidade legal antes do surgimento do empoderamento. A autorização depende da outra. O poder aqui é dissimétrico, externo, deve ser procurado para poder fazer, digamos, viver... Mas tornar-se-á interno: terá também de ser procurado em termos de "autorizar-se a si próprio". A autorização é de certa forma a passagem obrigatória na *dinâmica da deslocação do poder*; introduz os processos psicológicos subsequentes de empoderamento e apropriação. (Tap e Oubrayrie-Roussel, 2004; Tap e Vasconcelos, 2004).

Mas o acesso ao poder (interno e externo) favorece a personalização como luta de um sujeito para se libertar de alienações, também internas e externas. Seeman (1959) propôs *cinco dimensões de alienação*: impotência, ausência de significado, ausência de normas, e isolamento de valores.

É possível definir o *processo de personalização* (pelo qual o indivíduo se torna uma pessoa) com base nas cinco dimensões invertidas da alienação: acesso ao *poder*, procura de *sentido*, procura de *autonomia*, capacidade de construir (ou *reconstruir*) *um sistema de valores* ou de desenvolver *projectos*, todos eles permitindo à pessoa *realizar-se a si própria através da implementação de acções* (Tap, 1988, 1996).

É claro que os processos de personalização e alienação e os sentimentos a eles associados estão presentes em cada indivíduo. Dito de outra forma, os comportamentos não são totalmente negativos ou totalmente positivos. Do mesmo modo, pode-se dizer que o sentimento de onipotência não é o mesmo que a realidade, e que a pessoa tem sempre de lidar com problemas, de lutar contra as vulnerabilidades. No livro de Anthony e Cohen (1987) há uma descrição de crianças 'invulneráveis'. Esta noção é obviamente muito discutível, para não falar do perigo ideológico!

Resiliência, Riscos, Protecções e Cópia

Muita da investigação americana baseia-se na oposição entre o que acentua os *riscos* e o que favorece a *protecção da* pessoa contra esses riscos, em situações difíceis. Por outras palavras, os factores de protecção aumentam a resiliência, enquanto se pensa que os riscos tornam mais difícil emergir e manter a resiliência.

Vejamos alguns exemplos:

1. Easterbrooks, A., Davidson, A., & Chazan, R. (1993) avaliam o papel dos *factores de risco e protecção na adaptação das crianças em idade escolar* (7 anos de idade), através da análise das interacções com as suas mães e estratégias de apego, riscos familiares, relação com os professores e características intelectuais das crianças. Os autores consideram que as crianças não são invulneráveis a eventos stressantes no seu ambiente, tais como stress económico ou cuidados inadequados. Viver num ambiente de alto risco, argumentam eles, reduz as oportunidades de desenvolver auto-confiança e competências nas actividades diárias. As crianças emocionalmente resilientes demonstram competência pessoal apesar dos riscos que enfrentam.

2 Grossman et al (1992) analisam o risco e a resiliência em adultos jovens. Utilizando entrevistas individuais e de grupo aprofundadas no início e três meses mais tarde, identificam *factores de protecção* específicos a estes jovens de classe média baixa. Utilizam um método de avaliação de risco e vulnerabilidade com 200 estudantes (na sua maioria mulheres). Segundo os autores, os factores de protecção são excelentes preditores do ajustamento adolescente, e esta tendência é mais pronunciada para as raparigas do que para os rapazes.

3. Cicchetti et al (1993) examinam provas da capacidade das crianças desfavorecidas e abusadas (negligência, abuso e abuso sexual) de funcionarem bem apesar da exposição a elevado stress e risco. 127 crianças desfavorecidas e maltratadas em idade escolar são comparadas a um grupo de controlo de 79 crianças em idade escolar não abusadas que frequentam um programa de acampamento de Verão. As crianças maltratadas e não maltratadas não diferiram na sua avaliação do comportamento prosocial, externalização de problemas comportamentais, sintomas depressivos auto-relatados e indicadores de risco para problemas de ajustamento escolar. Os autores constataram, no entanto, que as crianças maltratadas mostraram um

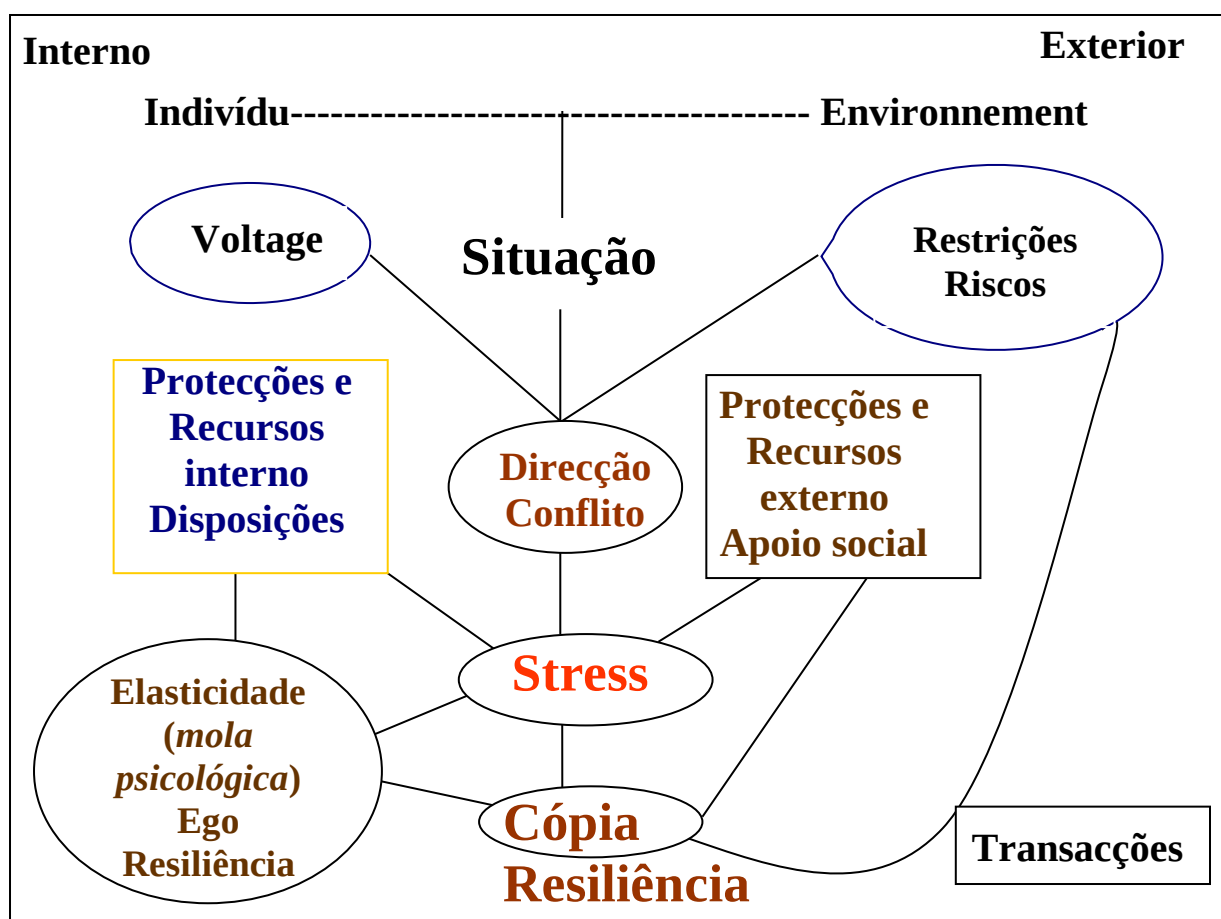
desajustamento significativamente maior em várias das variáveis de ajustamento (mais agressivo e retirado). Contudo, as crianças maltratadas conseguiram desenvolver auto-controlo, resiliência e auto-estima positiva enquanto viviam em condições adversas.

Claro que, para poder verificar se uma variável induz um risco ou é uma boa protecção, é necessário introduzir um acompanhamento, um método longitudinal, uma verificação a posteriori.

Algumas observações podem ser feitas sobre esta abordagem triádica (riscos, protecções, resiliência):

a. Antes de mais, não devemos esquecer que *existe apenas uma situação de um sujeito que a vive* (situação e ambiente não devem ser confundidos). Quando falamos de uma *situação stressante*, assumimos erradamente que a sua natureza stressante é objectiva e óbvia; no entanto, é o *significado* que o sujeito dá à sua situação e o facto de assumir um *carácter conflituoso* para ele, que determina a qualidade *stressante da situação*. Além disso, só existe conflito real e experiência stressante para o sujeito se uma *tensão interna* estiver associada aos riscos e constrangimentos externos, dependendo da utilização de recursos e do benefício da protecção externa e interna. São utilizadas estratégias de sobrevivência para combater o stress. Podem ser mais ou menos eficazes (para a noção de lidar com a situação cf. Garnezy, N., & Rutter, M. - 1983; Sordes-Ader F., Fsian H., Esparbès S., & Tap P.- 1995, etc.).

b. A natureza stressante da situação só pode ser compreendida na medida em que o sujeito é obrigado a *trabalhar no limite das suas capacidades percebidas*. Mas ele não está totalmente isolado; pode utilizar uma rede de pessoas que o apoiam (apoio social). Lidar com o problema envolve, portanto, múltiplas *transacções*, tanto com o ambiente social como com o ambiente físico. As transacções são acções recíprocas baseadas em *dinâmicas de negociação* e empoderamento.



Resiliência e resiliência do ego

Em inglês, a resiliência é por vezes vista como uma disposição, uma característica do ego. Jeanne H. Block e Jack Block (1980) propuseram a noção de *resiliência do ego* como "uma capacidade dinâmica de modificação do controlo do ego em resposta ao contexto". Estes autores utilizam as noções de *permeabilidade* e *elasticidade*, propostas por Lewin (1959). A elasticidade é a capacidade do sujeito de alterar o seu nível relativo de permeabilidade de acordo com a situação e de voltar a ela, ou de a restabelecer mais tarde. O ego impermeável basear-se-ia num controlo demasiado rígido, contido, inibido, isolado da realidade do ambiente e da satisfação das próprias necessidades. O Ego não elástico seria enfraquecido pela sua incapacidade adaptativa. No entanto, é de notar que os dois blocos já vinham trabalhando há muito tempo na representação topológica da estrutura do ego (J. Block, 1950, J.H. Block, 1951, citado por Huey e Weisz, 1997). Resiliência" (em termos americanos) implica ter em conta as interacções entre as disposições do sujeito e as características da situação e outras pessoas. A noção de *ego-resiliência* está muito mais centrada nas disposições do sujeito, para antecipar, por prevenção, a capacidade do sujeito de se adaptar ou não a uma provável situação crítica.

Resiliência do ego e desenvolvimento pessoal e prevenção precoce.

A resiliência é um conceito interessante na medida em que introduz grandes questões sobre como *vivemos* e *sobrevivemos* e obriga-nos a discutir se existem formas de sofrer menos, de resistir melhor aos aborrecimentos da vida quotidiana, de liquidar o stress, etc. Mas também introduz preocupações sérias se a sua utilização consistir em assumir que existem vencedores ou escolhidos que possuem a cura milagrosa para otimizar a qualidade de vida, enquanto outros não a possuem. Mas também introduz sérias preocupações se for usado para assumir que há vencedores ou *escolhidos* que possuem a cura milagrosa para otimizar a qualidade de vida, enquanto outros são eternamente perdedores. Detalhando as competências e as protecções para uns, as incapacidades e os riscos para outros teriam efeitos catastróficos sobre estes últimos, que se veriam assim estigmatizados. Poder-se-ia, evidentemente, responder que conhecer as modalidades resilientes (a capacidade de resistir e ressuscitar apesar do sofrimento ligado ao abuso e ao luto) é muito útil para orientar a prevenção precoce e a educação sanitária. Isto é verdade, desde que a resiliência não seja vista como um fenómeno paranormal que afecta apenas alguns indivíduos com uma força que outros não têm. Este processo pode ser generalizado a partir de uma análise complexa das interacções entre os processos defensivos ligados ao narcisismo primário, à gestão da angústia numa situação de luto, em relação ao desenvolvimento da normalidade da pessoa numa situação difícil.

No seu livro *The resilient self: how survivors of troubled families rise above adversity* (1993) Steven e Sibyl Wolin apresentam os resultados da sua investigação utilizando o modelo das 7 resiliências. Estudaram a evolução de sete sistemas de competência desde a infância até à idade adulta, sendo estes sete sistemas apresentados sob a forma de *mandala*.



depois de Wolin e Wolin (1993), ver também www.Projectresilience.com

Estes podem ser resumidos aqui. As sete dimensões da resiliência de acordo com estes autores são

* *Percepção*: Infância: *percepção* (sensação intuitiva, pré-verbal de que algo está errado com o mundo); adolescência: *conhecimento* (conhecimento, bem articulado e sistemático dos problemas); adulto: percepção amadurece na *compreensão*: empatia consigo próprio e com os outros, tolerância à complexidade e ambiguidade.

Independência: estabelecer uma distância física e emocional entre si próprio e as fontes do problema na sua vida. Infância: *afastamento*, Adolescência: desinteresse emocional (*desengajamento*) ele/ela se desprende de situações problemáticas e se levanta por si próprio. Nos adultos, a independência assume a forma de *separação*: assumir o controlo para superar a dor.

Relações: fazer ligações completas com os outros: na infância: *contactar* (fazer contacto) fazer ligações fugazes com os outros, emocionalmente disponíveis. Adolescente tenta deliberadamente envolver-se (*recrutar*) com adultos e pares que os ajudam e apoiam. As experiências adultas *ligadas*, ou seja, laços pessoais mútuos e gratificantes, envolvendo um equilíbrio entre *dar e receber*.

Iniciativa, resolução de problemas. A criança *explora*, experimenta por tentativa e erro no mundo físico. O adolescente *trabalha*, resolvendo problemas e outros comportamentos orientados por objectivos em relação a uma vasta gama de actividades. O adulto adquire a capacidade de *gerar* projectos com entusiasmo e de assumir situações desafiantes.

Criatividade, o uso da imaginação e do Humor

A criatividade e o humor estão ligados. Ambos são refúgios onde as experiências podem ser rearranjadas de acordo com a forma como o sujeito faz ligações e correspondências. Ambos começam na infância com o *jogo*, usando a imaginação para fazer um modo que esteja de acordo com os seus desejos. Na adolescência, brincar transforma-se em *dar forma*: usar a arte e a comédia para dar forma estética aos pensamentos e sentimentos mais profundos. Nos adultos a criatividade torna-se *composição*, esforços artísticos sérios. O *humor* torna-se riso, a capacidade de fazer algo a partir do nada, de minimizar a dor com um trocadilho, uma piada. O humor consiste em encontrar a comédia no trágico. A descendência da criatividade, o humor também começa (começa) com a brincadeira, cresce (cresce) em representação e amadurece

(amadurece) em riso, na capacidade de ver um lado absurdo das dores e dos problemas de cada um.

A *moralidade* implica agir com base numa consciência informada. Na infância, a moralidade é vista no *juízo*, a capacidade de distinguir entre o certo e o errado. Na adolescência, a moralidade transforma-se em estabelecer um sistema de valores (valorização), tomar decisões e ter uma conduta baseada em princípios. No adulto, a moralidade floresce em altruísmo, *servindo*. Adquire um sentido de obrigação de contribuir para o bem-estar dos outros.

A dinâmica das identificações como uma das bases da resiliência

Esta noção de resiliência do ego tem a desvantagem de minimizar as interações com o ambiente, com a situação e com os outros e o seu papel essencial no desenvolvimento das capacidades da criança. A criança precisa de ancoragem, amor e reconhecimento. As estratégias de fixação facilitam a gestão destas necessidades. Mas a criança resiliente experimentou dificuldades nesta área. Por exemplo, crianças órfãs e abandonadas têm tido dificuldade em encontrar meios emocionais de ancoragem, a segurança de um porto de escala e pessoas para amar e respeitar, pessoas em quem podem confiar. (Vinay, Esparbès-Pistre e Tap, 2000). Como Cyrulnik (1999) nos lembra, não é preciso muito para que tudo se desmorone, mas tudo o que é necessário é um ponto de apoio, uma mão estendida como uma linha de vida para emergir, reconstruir, recuperar o gosto pela vida e voltar a ter esperança.

Aqui podemos retomar com interesse a trilogia diferencial proposta por Lacan relativamente à *privação* (realidade), *frustração* (imaginária) e *castração* (simbólica). Mas a ausência do pai (por exemplo) torna difícil aceitar limites reais ou imaginários e limitações simbólicas. Como Cyrulnik diz novamente, "estas crianças deficientes estão tão ansiosas pela identificação que pouco pode ser feito para lhes dar uma linha de desenvolvimento" (1998, 74). Reforçando esta hipótese, Durning afirma que "as crianças resilientes parecem ser especialmente hábeis em recrutar activamente pais substitutos, mesmo que não sejam parentes" (1995, 158). Mas Wallon (1941) e Erikson (1966) demonstraram que a criança precisa de amar, admirar e confiar, a fim de imitar e identificar-se com o adulto. Então o que vem primeiro - confiança ou identificação? De facto, ambos são criados ou destruídos de acordo com a natureza dos laços que são estabelecidos e a sua evolução.

Foram observadas diferenças entre rapazes e raparigas em práticas educativas que podem ou não favorecer a resiliência. Os rapazes são resistentes se tiverem vivido numa família estruturada, que valoriza as regras, e na condição de encontrarem modelos masculinos (pai ou, na sua falta, avô, irmão mais velho, tio, etc.) que encorajem a expressão de emoções. Para as

raparigas de meios desfavorecidos em que o pai está constantemente ausente, é a imagem de uma mãe socialmente integrada (profissão, salário) que constitui uma poderosa âncora de identificação (Durning, *op. cit.*)

Estes processos de identificação facilitam o acesso ao poder (*empowerment*); não significam uma perda de identidade ou uma falta de auto-afirmação; pelo contrário. A criança aprende a ser o outro sem perder quem é, na medida em que ao identificar que se apropria das qualidades do outro ao mesmo tempo que obtém por este meio tanto o reconhecimento afectivo como cognitivo, facilitando a sua busca de semelhanças e diferenciação social.

No entanto, os processos de identificação devem ser diversificados em termos do seu momento de emergência (quando), da natureza do seu conteúdo (o quê) e do contexto relacional (em relação a quem):

Seis identificações foram destacadas. Alguns por Freud e psicanalistas, outros por cognitivos-comportamentais, outros por psico-sociólogos (para mais detalhes ver Tap, 1988, 1996).

A identificação tem, de facto, duas funções:

- uma *função defensiva* através da qual é desencadeado o processo que permite ao sujeito resolver um conflito, liquidar uma ansiedade, superar uma impotência ou desvalorização, e manter a unidade e identidade do eu (A. Freud, 1946, 1949).
- Uma *função construtiva* através das consequências que a identificação estabelece na organização da personalidade e do comportamento. A identificação conduz, de facto, à internalização do poder dos outros, da sua competência instrumental, das suas capacidades protectoras-afectivas (Kagan e Lemkin, 1960). Através da identificação, a criança constrói um sistema complexo de atitudes e representações sociais.

As seis identificações podem ser resumidas da seguinte forma (para mais detalhes ver Tap, em francês 1988, 148-159 ou em português, 1996, 203-217):

1. A identificação da dependência :

aspecto defensivo: luta contra o sentimento de abandono

* aspecto construtivo: acesso à confiança e segurança emocional.

2. Identificação com o agressor :

aspecto defensivo: luta contra a ansiedade de perder a integridade física

aspecto construtivo: acesso à capacidade de controlar as emoções ou de reagir através da negação, negação ou negação

(Este tipo de identificação ocorre em todas as crianças de várias formas, tanto normais como patológicas. Mas foi por vezes demonstrado mais fortemente em crianças que foram sujeitas a abuso sexual incestuoso ou outros maus-tratos. Bettelheim menciona a sua existência nas defesas dos prisioneiros dos campos de concentração).

3. A identificação do controlo :

aspecto defensivo: luta contra a ansiedade da impotência e do fracasso

* aspecto construtivo: aprender a ter sucesso, capitalização de competências.

4. Identificação gémea e/ou especular

aspecto defensivo: luta contra a ansiedade da estranheza corporal e sexual.

* aspecto construtivo: apropriação de semelhanças e emergência da identidade corporal.

5. Identificação categórica

aspecto defensivo: ansiedade de rejeição, marginalidade, não-reconhecimento; ansiedade relacionada com aqueles que não são "nós".

* aspecto construtivo: experiências de pertença, solidariedade, igualdade e diferenciação.

6. Identificação com o projecto

aspecto defensivo: medo de impotência, incompletude e morte

* aspecto construtivo: busca de superação, capacidade de antecipar e gerir a mudança, idealização pessoal ou colectiva.

Conclusão

Num artigo intitulado "Resiliência ou a luta pela vida", Serge Tisseron (2003), psicanalista e psiquiatra, entra em guerra com a noção de resiliência, que associa à *luta* pela vida querida à mentalidade americana. A resiliência, por estar associada a um "ego autónomo", seria um exemplo que favoreceria o sucesso dos mais capazes, de acordo com a concepção darwiniana. Contudo, do ponto de vista americano, o sucesso é equivalente à virtude. O autor faz três críticas à noção de resiliência. 1. é ambíguo, porque mascara a *fragilidade das defesas* desenvolvidas pela pessoa para lidar com o trauma. A resistência psíquica pode mudar de uma forma imprevisível. A resiliência nunca seria sólida; 2. A resiliência também oculta a *grande variedade de mecanismos de defesa* concebidos para lutar contra as consequências de um trauma. A resiliência abrange processos de gestão do trauma que podem ou beneficiar a "antiga vítima" e o seu séquito, ou beneficiar o indivíduo à custa do seu séquito. O mito da redenção não estaria longe, 'sendo suposto que a pessoa resiliente tivesse superado a parte escura do seu sofrimento para manter apenas a parte gloriosa e luminosa'⁴. Mas a superação bem sucedida de um trauma não significa que todos os vestígios de ódio, de violência em troca contra os agressores tenham desaparecido. O regresso da ligação social foi capaz de "pôr a dormir, por

⁴ Esta última observação introduz as críticas ao maniqueísmo subjacente à resiliência: vitoriosos-vítimas, força escura-luz, um maniqueísmo explicitado directamente num filme do tipo *Guerra das Estrelas*!

tempo indeterminado, o monstro que espreita no vazio de personalidades feridas". A autora conclui salientando que os psicanalistas interessados na resistência do trauma (Ferencsi, Anna Freud, Winnicott) renunciaram à ideia de classificar sob o mesmo termo os fenómenos que resultam do ambiente e das potencialidades psíquicas específicas de cada pessoa, e também de classificar Estaline e Madre Teresa na mesma categoria. Vários autores referem o facto de que o mesmo processo psicológico pode levar ao melhor ou pior em termos morais ou sociais. Malrieu (2003) mostra que o processo de personalização estava em curso tanto num S.S. que saiu do seu estado anterior e encontrou no seu compromisso fascista um meio de valorização social e de coerência pessoal. A mesma questão é levantada em relação a Saddam Hussein por M.R. Cardoso na revista *Visão* (2003). Jerrold Post (psicólogo político da CIA)

"descreveu Saddam Hussein como o triste resultado de uma infância atribulada". O pai e o irmão morreram quando a mãe estava grávida. Esta tentou abortar e cometer suicídio. Quando o menino Saddam nasceu, a mãe não queria nascer; viveu com o filho durante os três primeiros anos. De volta à casa materna, encontrou um padrasto violento. Regressou ao seu pai, um fervoroso nacionalista anti-bioterrorista, que lhe deu um estudo e o professou um "grande líder árabe"... este inferno traumático levou ao nascimento de um homem com "ambições messiânicas", "consumido pela auto-adoração" e que "compensou a violência que lhe foi infligida, transferindo-a para outros". Um louco? Nem pensar, diz. Antes um homem "racional e muito perigoso". (Resiliente e perverso: sem dúvida que o era).

Além disso, Michel Hanus, psicanalista e psiquiatra, especialista nos efeitos do luto na saúde mental (1998), no seu livro intitulado *La résilience, à quel prix? Survivre et rebondir* (2001) analisa exemplos de resiliência em pessoas confrontadas com situações difíceis, particularmente crianças, que, longe de se encontrarem em colapso, parecem desenvolver capacidades reais de resistência e mesmo de realização face a estas provas. O interesse destas observações é mostrar que todos têm recursos escondidos que podem ser mobilizados nestas circunstâncias traumáticas e que o pior nunca é certo. "No entanto, não devemos subestimar a realidade da ferida emocional subjacente, que ainda não sarou.

Estamos, portanto, confrontados, em relação à resiliência, como estávamos em relação à identidade, com uma noção paradoxal que inclui múltiplos significados, mas que introduz uma questão importante: a da confiança ou desconfiança nas pessoas, processos psicológicos, atitudes e mecanismos humanos. Podemos decidir que a profundidade da alma humana é 'monstruosa' ou 'naturalmente boa', que a vítima pode tornar-se executora (por identificação com o agressor) ou repetir a sua vitimização. Trabalhar na trilogia pervertida/vítima/resiliente implica a aceitação de uma complexidade onde cada pessoa não é toda preta e a outra toda branca, onde cada pessoa está ao mesmo tempo em busca de amor, poder e reconhecimento, e

onde a história pessoal é tecida a partir da ligação social e do processo narcisista, inseparavelmente. Nem podemos dissociar os processos psico-sociais da natureza dos sentimentos em relação aos valores e à dinâmica das relações entre estes valores (científicos, éticos, estéticos, legais e relacionais).

Bibliografia

Antonovsky, (1990) Personality and health: test the sense of coherence model in H. Friedman (ed), *Personality and disease*. 155-177. Nova Iorque, John Wiley

Anthony, E. J. & Cohen, B.J. (Eds) (1987). *A criança invulnerável*. Nova Iorque: Guilford Press.

Anzieu, D. (1975) *L'imaginaire groupal*, Paris , Dunod, nouv. éd. 1981.

Atlan, H. (1979) *Entre le cristal et la fumée*, Paris, Seuil

Bandura, A. (2003) *Auto-eficácia. O sentimento de eficácia pessoal*. Paris, Bruxelles, éditions de Boeck .

Baubion-Broye, A., Malrieu, P. e Tap, P. (1987). L'interstructuration du sujet et des institutions, *Bulletin de Psychologie*, 379, 5-9, 435-447.

Bayle, G. (1997) *Paul - Claude Racamier*. Paris, PUF.

Bettelheim, B. (1943) Comportamento individual e em massa em situações extremas. *The Journal of Abnormal and social psychology*, vol. 38, nº 4, 417-452.

Bettelheim, B. (1952). *Sobrevivência e outros ensaios*. Nova Iorque, Alfred Knopf.

Bettelheim, B. (1979) Sobreviver. "A paz que reina numa sociedade totalitária é comprada ao preço da morte da alma", Paris, Robert Laffont.

Block, J. (1950) *Uma investigação experimental sobre a construção do controlo do ego*. Dissertação de doutoramento inédita, Universidade de Stanford.

Bloco, J.H. (1951) *Um estudo experimental da representação topológica da estrutura do ego*. Dissertação de doutoramento inédita, Universidade de Stanford

Block, J.H. e Block, J. (1980) The role of ego-control and ego-resiliency in the organization of behaviour. Em W.A. Collins (Ed) *Minnesota simpósios sobre psicologia infantil* Vol. 13, 39-101.

Bouffard, L. (2004) que traduziu, adaptou e actualizou Csikszentmihalyi, M. de 1990 cf. *Vivre. Psychologie du bonheur*, Paris, Robert Laffont.

Brandstadter e Renner (1990) citado por L. Bouffard em Csikszentmihalyi, M. de 1990 cf. *Vivre. Psychologie du bonheur*, Paris, Robert Laffont. (p.247).

Camilleri, C., Kastersztejn, J., Lipiansky, E.D., Malewska - Peyre, H., Taboada - Leonetti, I. & Vasquez, A. (1990) *Strategies of identity*. Paris, P.U.F.

Cardoso, M.R. (2003) Retrato: Louco, Saddam? Se calhar um pouco. Mas o antigo "senhor de Bagdad" é também o produto de uma infância traumática e de uma vida de guerras. *Visão*, 18 de Dezembro de 2003.

Cicchetti, D., Rogosch, F.A., Lynch, M., & Holt, K.D. (1993). Resiliência em crianças maltratadas: Processos que conduzem a resultados adaptativos. *Desenvolvimento e Psicopatologia*, 5, 629-647.

Claudel, P. (1965) *oeuvres en prose*, (p. 1205), Paris, Gallimard

Cloutier, R. (2001) La coparentalité in Cloutier, Filion and Timmermans *Les parents se séparent... op. cit.* pp.71-89

Csikszentmihalyi, M. (1990) *Flow: The psychology of optimal experience*, New-York, HarperPerennial/HarperCollins

Csikszentmihalyi, M. (2004) *Living. Psicologia da felicidade*, Paris, Robert Laffont.

Cyrulnik, B. (1998) Introduction, In B. Cyrulnik (Ed.) *Ces enfants qui tiennent le coup* (Pp. 7-11), Marselha. Hommes et Perspectives.

Cyrulnik, B. (1999) *Un merveilleux malheur*. Paris, Odile Jacob.

Durning, P. (1995) *Education familiale: acteurs, processus et enjeux*. Paris, PUF

Easterbrooks, A., Davidson, A., & Chazan, R. (1993). Risco psicossocial, apego, e problemas de comportamento entre as crianças em idade escolar. *Desenvolvimento e Psicopatologia*, 5, 389-402.

Eiguer, A. (1989) *Le pervers narcissique et son complice*, Paris, Dunod.

Eiguer, A. (1991) *The madness of Narcissus. La dupla conflictualité psychique*. Paris, Dunod

Eiguer, A. (1995) *Le cynisme pervers*. Paris, L'Harmattan

Eiguer, A. (1997) *Petit traité des perversions morales*, Paris, Bayard éditions

Eiguer, A. (1999) *Du bon usage du narcissisme*. Edições Bayard.

Eiguer, A. (2001) *From sexual perversions to moral perversions. La jouissance et la domination*. Paris, Odile Jacob.

Erikson, E.H. (1968) *Identidade: Juventude e Crise*, Nova Iorque, Norton

Erikson, E.H. (1950) *A infância e a sociedade*. Nova Iorque, Norton

Esparbès-Pistre, S. e Tap, P. (2001) Identidade, projecto e adaptação na vida adulta. *Carriéologia. Revue francophone Internationale*, vol. 8, n° 1, 133-145

Farber, EA, & Egeland, B. (1987). Invulnerabilidade entre as crianças maltratadas e negligenciadas. Em E. J. Anthony & B. J. Cohen. (Eds). *A criança invulnerável*, pp. 253-288. Nova Iorque: Guilford Press.

Fisher, G.N. (1994) *Le ressort invisible*. Paris, Seuil.

Freud, A. (1946) *Das Ich und die Abwehrmechanismen*. Tr.fr. *O Ego e os Mecanismos de Defesa*. 1949, Paris, PUF.

Garnezy, N., & Rutter, M. (1983). *Stress, coping, e desenvolvimento em crianças*. Nova Iorque: McGraw-Hill Book Company.

Grossman, F.K., Beinashowits, J., Anderson, L., Sakurai, M., Finnin, L., & Flaherty, M. (1992). Risco e resiliência em adultos jovens. *Journal of Youth and Adolescence*, 21(5), 1-22.

Habermas, J. (1987) *Theory of communicative action*. Fayard, 2 volumes.

Hanus, M. (1998) ; *Les deuils dans la vie : deuils et séparations chez l'adulte, chez l'enfant* / pref. do Prof. Serge Lebovici. - 2ª ed - Paris: Maloine

Hanus, M. (2001) *Resiliência a que custo? Sobrevivendo e ressuscitando*. Paris, Maloine

Himelin, MJ, & McElrath, JA. (1996). Sobreviventes resistentes ao abuso sexual de crianças: Cognitivo e ilusão. *Child Abuse and Neglect*, 20, 747-758.

Hirigoyen, M.F. (1998) *Le harcèlement moral. La violence perverse au quotidien*. Paris, La découverte e Syros.

Hirigoyen, M.F. (2001) *Le harcèlement moral dans la vie professionnelle*. Paris, La découverte e Syros.

Huey, S.J. e Weisz, J.R. (1997) Controlo do ego, resiliência do ego e modelo de cinco factores como preditores de problemas comportamentais e emocionais em crianças e adolescentes referenciados em clínicas. *Journal of abnormal psychology*, vol. 106, n° 3, 404-415.

Hurni, M. e Stoll, G. (1996) *La haine de l'amour. La perversion du lien*. Paris, Lharmattan

Hurni, M. e Stoll, G. (2002). *Danos psíquicos na vida quotidiana. A perversão narcisista nas famílias*. Paris, Lharmattan.

Kahana, E, Kahana, B, Harel, Z, & Rosner, T. (1988). Lidar com traumas extremos. Em J. P. Wilson, Z. Harel, & B. Kahana (Eds.) *Adaptação humana ao stress extremo: Do Holocausto ao Vietname*, 55-79. Nova Iorque: Plenum.

Lazarus, RS, & Folkman, S. (1984). *Stress, avaliação, e coping*. Nova Iorque: Springer.

Mages, N.L. e Mendelsohn, G.A. (1979) *Effects of cancer on patients' lives: A personological approach*. Psicologia da Saúde. São Francisco, CA: Jossey-Bass.

Malrieu, P. (2003) *La construction du sens dans les dires autobiographiques*. Toulouse, Erès

Mangham, C., McGrath, P., Reid, G. & Stewart, M., (1995) *Psicological spring: relevance in the context of health promotion*. Análise detalhada. cf. www.hc-sc.gc.ca/hecs-sesc/sca/publications (environmental health and consumer safety service (sesc) and Canada's drug strategy (sca) of the Canadian government. (gc).

Parsons, T. (1966) *Societies: evolutionary and comparative perspectives*. Nova Iorque, Prentice-Hall

Parsons, T. (1971) *Sociétés : Essai sur leur évolution comparée*, Paris, Dunod (Tr.fr. de 1966)

Piaget, (1975) *L'équilibration des structures cognitives, problème central du développement*, Paris, PUF.

Racamier, P.C. (1987) De la perversion narcissique, *Gruppo*, 3,11-27.

Racamier, P.C. (1991) Em torno do incesto. *Gruppo*, 7, 49-65

Racamier, P.C. (1992) *Le génie des origines. Psicanálise e psicose*. Paris, Payot.

Racamier, P.C. (1995) *L'inceste et l'incestuel*. Paris. Les éditions du collège.

Roth, S, & Newman, E. (1991). O processo de lidar com o trauma sexual. *Journal of Traumatic Stress*, 4, 279-297.

Rogers, (1951) *Client-Centered Therapy*, Boston, Houghton Mifflin

Rogers, C. (1977) *Carl Rogers on personal power*, New-York, Delacorte Press

Rogers, C. (1979) *A Personalist Manifesto*, Tr.fr. de 1977. Paris, Dunod.

Roth, S, & Newman, E. (1991). O processo de lidar com o trauma sexual. *Journal of Traumatic Stress*, 4, 279-297.

Rowland, J.H... (1989) Recursos interpessoais: coping. No *Manual de Psico-Oncologia: cuidados psicológicos do doente com cancro*. Nova Iorque: Oxford University Press.

Runtz, MG, Shaelow, JR. (1997). Apoio social e estratégias de sobrevivência como mediadores do ajustamento dos adultos após maus-tratos a crianças. *Abuso e Negligência Infantil*, 21, 45-51.

Parece (1959) Sobre o significado da alienação. *Revisão sociológica americana*, 24, 783-791.

Sordes-Ader F., Fsian H., Esparbès S., & Tap P. (1995) Coping strategies and social desirability. Lisboa, *Aprendizagem Desenvolvimento*, Institut Piaget, vol. IV n° 15-16, 165-173.

Stoller, R. (1975) *Perversão: a forma erótica de ódio*. Nova Iorque, Pantheon. Fr. Fr. *La perversion: forme érotique de la haine*, Paris, Payot, 1978.

Tap, P. (1988) *The Pygmalion Society? Integração social e realização pessoal*. Paris, Dunod.

Tap, P. (1996) *A Sociedade Pigmaliao. Integração social e realização da pessoa*. Lisboa, Instituto Piaget.

Tap, P.; Esparbès, S. & Sordes-Ader, F. (1995) Coping and personalisation *Bulgarian Journal of Psychology*, 2, 59-80.

Tap, P. & Oubrayrie, N. (2004) Dynamique transactionnelle et relations de pouvoir entre adolescents et parents (analyse critique de l'empowerment) *VIIIème congrès AIFREF*, 2001, Saint-Sauveur des Monts, Québec, Canadá

Tap, P. & Vasconcelos, M. de L. Vasconcelos (eds.) (2004) *Vulnerabilidade psicológica & precariedade. Comparações franco-português*. Toulouse, Erès, Fundação Bissaya-Barreto.

Tap, P. & Vasconcelos, M. De L. (Coord.) (2004) *Precariedade e Vulnerabilidade psicológica; Comparações franco-portuguesas*. Coimbra, Fundação Bissaya-Barreto, Erès.

Tap, P. & Vinay, A. (2000) Dynamique des relations familiales et développement personnel à l'adolescence. Em J.P. Pourtois & H. Desmet *Le parent éducateur* (Pp. 87-157), Paris, PUF.

Tisseron, S. (2003) Ces mots qui polluent la pensée : " Résilience " ou la lutte pour la vie. www.monde-diplomatique.fr; Août 2003.

Torrance, E.P. (1962) *Guiding creative talent*. Nova Iorque, Prentice-Hall.

Vanistendael, S. (1998) Keys to become: resilience. Les Vendredis de Châteauvallon, Nov. 1998. Les cahiers du BICE (Bureau International Catholique de l'Enfance), Genebra.

Vinay, A., Esparbès-Pistre, S. & Tap, P. (2000) Attachment and coping strategies na resiliente *Revista Internacional da Educação Familiar*. Edição especial sobre resiliência, 4, 1, 9-36.

Wallon, H. (1941) *L'évolution psychologique de l'enfant*, Paris, Armand Colin (5ª ed. 1957).

Werner, EE, & Smith, RS (1982). *Vulnerável mas invencível: Um estudo de crianças resistentes*. Nova Iorque: McGraw-Hill Books.

Wolin, S.J. e Wolin, S. (1993) *The Resilient Self: How Survivors of Troubled Families Rise Above Adversity*. Nova Iorque: Villard Books.

=====